



Dialogando com as crianças: olhar sensível e escuta atenta

Cristina Laclette Porto
Nathercia Lacerda
Irene Rizzini



em convênio com **PUC**
RIO

Realização

Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância - CIESPI/PUC-Rio

Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Coordenação internacional:

Kay Tisdall (Universidade de Edimburgo)

Coordenação nacional:

Irene Rizzini

Coordenação executiva:

Maria Cristina Bó

Consultoria:

Internacional: Malcolm Bush

Nacional: Cristina Laclette Porto

Comunitária: Antônio Carlos Firmino

Pesquisa:

Renata Brasil

Carolina Terra

Eliane Gomes

Leandro Castro

Nathercia Lacerda

Assistentes de pesquisa:

Mônica Regina de Almeida Figueiredo

Everaldo de Toledo

Bolsista:

Esther Mischiatti (PIBIC/CNPq/DSS/PUC-Rio)

www.ciespi.org.br

Publicação

Redação:

Cristina Laclette Porto

Nathercia Lacerda

Irene Rizzini

Consultoria:

Carolina Terra

Design:

Carolina Terra

O CIESPI/PUC-Rio

O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários. Tem como meta subsidiar políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.

O projeto

Essa publicação é um dos produtos do projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva, que visa estimular a educação das crianças de 0-5 anos de idade com base nos princípios de inclusão, participação e segurança. O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido. Internacionalmente, coordenado por Kay Tisdall, professora da Moray House School of Education and Sport da Universidade de Edimburgo (Escócia). No Brasil, coordenado por Irene Rizzini, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do CIESPI/PUC-Rio.

Dialogando com as crianças: olhar sensível e escuta atenta/ Cristina Laclette Porto; Nathercia Lacerda; Irene Rizzini – 1a. ed. – Rio de Janeiro; CIESPI, 2023. 38 p. il. 29,7cm.

ISBN: 978-65-87410-15-9

1. Infâncias 2. Escuta de crianças 3. Participação 4. Delicadeza. Porto, Cristina Laclette. II. Lacerda, Nathercia. III. Rizzini, Irene. IV Título.

CDD 300



em convênio com **PUC**
RIO

Dialogando com as crianças Olhar sensível e escuta atenta

Autoras:

Cristina Laclette Porto

Nathercia Lacerda

Irene Rizzini

Rio de Janeiro
2023

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer profundamente aqueles que leram o primeiro esboço do texto e deram sugestões valiosas que buscamos incorporar: Alexandra Pena, Evanita Dos Santos Silva, Joana D'arc Silva, Liana Castro, Luis Vicente Barros, Malcolm Bush, Maria Cristina Bó, Renata Brasil e Rosana Kohl Bines.

Agradecemos também a todos os profissionais e instituições que abriram as portas para a realização das atividades de escuta das crianças; aos Arautos Bricnantes e Trupe Brincante e a todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos que dialogaram conosco.

Sumário

1. Apresentação	6
2. Considerando as múltiplas infâncias	8
3. Escutando e dialogando com as crianças	10
3.1 Experimentando múltiplas linguagens	12
3.2 Preparando um ambiente de delicadeza	15
3.3 Criando objetos lúdicos	16
3.4 Selecionando recursos lúdicos	21
3.5 Registrando infâncias: a fotografia como aliada da escrita	23
3.6 Jovens como conectores entre gerações	29
3.7 Observando riscos e cuidados éticos	32
4. Compartilhando experiências	32
5. Considerações finais	34
6. Expandindo horizontes: sugestões de leituras	35
6.1 Publicações CIESPI/PUC-Rio	35
6.2 Recomendações de leituras	35
7. Notas	37



1. Apresentação

Por meio dos sentidos, suspeitamos o mundo. [...] Os olhos têm raízes pelo corpo inteiro [...] Os ouvidos têm raízes pelo corpo inteiro [...] O nariz tem raízes pelo corpo inteiro [...] A boca tem raízes pelo corpo inteiro. A pele é raiz cobrindo o corpo inteiro. EM CADA SENTIDO MORAM OUTROS SENTIDOS¹.

Bartolomeu Campos de Queirós.

O corpo fala em sua postura, tensão e movimento. O silêncio e a dispersão, entre outras manifestações, merecem ser observados como formas legítimas de expressão. Para um escutador é importante reconhecer e respeitar as diversas linguagens que atravessam a comunicação.

Por quatro décadas, a equipe do Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI, em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, vem se dedicando a refletir e a pôr em prática o olhar atento e a escuta sensível em relação às experiências e expressões das crianças. Projetos de características lúdicas e brincantes vêm sendo elaborados e realizados, tendo em vista os inúmeros canais de expressão e de interação que essas práticas acionam. São desenvolvidos em diferentes territórios, mas a proximidade com a comunidade da Rocinha a tornou o espaço urbano de atuação mais sistemática e, desde 2002, foram estabelecidas parcerias institucionais com as áreas de Educação, Cultura e Saúde. Lideranças comunitárias acompanharam de forma propositiva participando ativamente da construção de ações voltadas para a infância local e algumas delas passaram a fazer parte desse centro de pesquisa e ação.

Nos últimos quinze anos, atenção especial tem sido dada ao tema da Primeira Infância, priorizando as crianças pequenas que crescem em comunidades de baixa renda. Para isso, a equipe do CIESPI/PUC-Rio, além de desenvolver pesquisa e ação social, trabalha na incidência política, em parceria com diversos atores, em especial, a Rede Nacional Primeira Infância (RNPI)².

Ao longo de sua trajetória, foram criadas metodologias colaborativas com diferentes públicos, principalmente em diálogo com as crianças. Nessas experiências, elementos disparadores da convivência foram disponibilizados para acionar conversas e convidar à participação. Objetos lúdicos, fotografias, ilustrações de livros de literatura para crianças, vídeos, cartografias, entre outros, fizeram parte das estratégias adotadas que apostam em múltiplas linguagens como formas de aproximação e reconhecimento das especificidades das infâncias e das singularidades das crianças.

Nossa intenção não é mostrar modelos infalíveis para solucionar o desafio de escutar

o outro. O que aqui está descrito é transpassado por uma cuidadosa leitura de textos acadêmicos que, por suas características próprias, permitem análises mais aprofundadas de alguns aspectos. Muitos deles, inclusive, aparecem na lista de recomendações que está ao final, para quem desejar se informar melhor sobre algum dos temas que encontrar por aqui. Nosso objetivo é expor algumas etapas da trajetória do CIESPI/PUC-Rio e suas metodologias de escuta de infâncias e crianças.

Como uma película leve, de textura porosa, as fotografias apresentadas neste documento são muito mais do que meras ilustrações. Foram tiradas ao longo dos anos, durante a realização de vários projetos³. Colocadas em diálogo com as palavras escritas, formam um “entretexo” e ampliam as possibilidades de leitura e interpretação. Retratos ou instantâneos, as fotos ativam reflexões acerca das infâncias dos pequenos e dos adultos, trazem surpresas, pistas e evidenciam conexões.

Construindo elos



Acervo CIESPI/PUC-Rio

Assim como o adulto, a criança tanto fala quanto escuta. Nas práticas do CIESPI/PUC-Rio, ela é sempre colocada em uma relação de alteridade e diálogo.

As metodologias de escuta visam aprimorar a compreensão das experiências das crianças desde bem pequenas e promover ações efetivas para garantir seus direitos e seu pleno desenvolvimento, reconhecendo-as como sujeitos formados na cultura e geradores de cultura.

2. Considerando as múltiplas infâncias

São múltiplas e diversas as infâncias. Talvez possamos dizer que para cada criança exista apenas uma, a sua infância. Por mais que todos sejam feitos da mesma matéria, são únicos em seu sentir e vivenciar o mundo. Parece simples e mesmo óbvio afirmar isso, mas, como em vários assuntos abordados nesse texto, o que é aparentemente óbvio pode estar apenas encobrindo várias camadas que precisam ser consideradas, como ensina o pensador francês Edgar Morin⁴, ao refletir sobre o paradigma simplificador que, caracterizado por disjunção e redução, se contrapõe à complexidade.

Até pouco tempo, era comum ouvirmos dizer que crianças não enxergavam ao nascer, não apreendiam nada nem tinham o que oferecer aos mais velhos. Nessa perspectiva, apenas os adultos eram vistos no papel de ensinar. As crianças eram vistas como passivas, um vir a ser, um potencial, algo que se moldava para o futuro.

Quando, historicamente, a criança passou a ser alvo de interesse e de pesquisa, tornou-se um objeto de estudo. Assim foi que, por boa parte do século XX, o conhecimento produzido se assentou nas interpretações pretensamente universais sobre o comportamento infantil. Não se cogitava que as crianças pequenas fossem capazes de se expressar por si mesmas, em múltiplas linguagens. Não se desconfiava que eram os adultos os verdadeiros despreparados para escutá-las. O que dirá com elas dialogar! Sobre a infância (no singular), vista como semelhante em qualquer parte, foram desconsiderados seus contextos, histórias e culturas.

Nas últimas décadas, a oportunidade de desconstruirmos alguns desses saberes e mesmo mitos sobre as crianças pequenas, enraizados por longo tempo e assumidos como únicos, foi ampliada. Porém, como qualquer mudança de paradigma, a construção de novos conhecimentos leva tempo para maturar e depende de condições favoráveis para emergir.

Esse texto expressa nosso desejo de explorar várias possibilidades de comunicação e diálogo com as crianças, começando nos primeiros anos de vida. Para isso, faremos um pequeno recuo no tempo.

No Brasil, somente na década de 1980⁵, antigas convicções assentadas na noção da criança-objeto e em concepções menoristas de infância, consolidadas desde o século XIX, sofreram transformações efetivas no campo legal. Os movimentos de redemocratização do país e a aprovação de uma nova Constituição (1988) impulsionaram mudanças que vinham sendo articuladas nacional e internacionalmente. O Brasil aderiu à noção de criança detentora de direitos, em consonância com as normativas internacionais, como a Declaração Universal dos Direitos das Crianças (1959) e a Convenção sobre os Direitos das Crianças (1989) (Organização das Nações Unidas)⁶. Isso tornou possível a aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei 8.069 de 1990), propondo novos referenciais calcados no reconhecimento de crianças e adolescentes como "sujeitos de direitos" e "prioridade absoluta", que podem e devem participar da vida familiar,

comunitária e política, sem discriminação. Atualmente, somam-se a essas, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (1996), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), o Marco Legal da Primeira Infância (2016) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Segundo essas normativas, as crianças devem ser incluídas nas decisões que as afetam, participando ativamente da realização das atividades da vida cotidiana, do planejamento das atividades propostas pelo educador e da gestão da escola. Essa participação tem como objetivo promover sua inclusão social, que exige a mediação de profissionais preparados para fazer a escuta das diferentes formas de expressão infantil.

Gostaríamos ainda de ressaltar a importância do reconhecimento da multiplicidade e diversidade de infâncias. Ainda há muito o que aprendermos sobre isso, pois, como dito acima, é recente a aquisição de uma compreensão mais clara de que os modelos impostos como únicos pelos colonizadores europeus não podem ser tomados como universais. Faz relativamente pouco tempo que se começou a atentar para as especificidades das infâncias indígenas, quilombolas, sem terrinhas, ribeirinhas, entre outras.

Os conhecimentos em desenvolvimento no âmbito dos Estudos Decoloniais se afinam com a perspectiva de escuta de crianças de forma atenta e dialógica, para que todos possam aprender a olhar para o mundo com criticidade⁷.

Participar é um direito!

Instrumento	Ano	Artigo	Descrição
Constituição Federal	1988	Artigo 227	É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.
Convenção dos Direitos da Criança	1989	Artigo 12	Os Estados Partes devem assegurar à criança que é capaz de formular seus próprios pontos de vista o direito de expressar suas opiniões livremente sobre todos os assuntos relacionados a ela, e tais opiniões devem ser consideradas, em função da idade e da maturidade da criança.
Estatuto da Criança e do Adolescente	1990	Artigo 15	O direito a liberdade da criança e do adolescente, previsto no artigo 15, compreende o direito a opinião e expressão, bem como participar da vida familiar e comunitária, sem discriminação e participar da vida política, na forma da lei.
Marco Legal da Primeira Infância	2016	Artigo 4	As políticas públicas voltadas ao atendimento dos direitos da criança na primeira infância serão elaboradas e executadas de forma a: (II) incluir a participação da criança na definição das ações que lhe digam respeito, em conformidade com suas características etárias e de desenvolvimento.

E se agora as atitudes racistas e homofóbicas, entre outras discriminações que atingem diretamente as crianças desde pequenas, começam a ser discutidas, ainda há muito o que fazer.

3. Escutando e dialogando com as crianças

Desde bebês, as crianças observam, pensam sobre o mundo e expressam o conhecimento que estão construindo de várias maneiras. Conhecê-las e escutá-las, em todas as suas manifestações, nos permite ampliar o que pensamos e o que sabemos, não apenas sobre as diferentes infâncias, experiências e representações, mas sobre a realidade social mais ampla.

Com um olhar aberto e curioso, percebemos que, ao brincar, desenhar, contar histórias e interagir, a criança pensa o mundo e reflete sobre ele. A singularidade está presente em cada olhar, cada gesto, cada palavra e cada narrativa.

Consideramos importante lembrar que as crianças aprendem intensamente no início da vida, e os modelos que lhes são apresentados têm um impacto significativo em seu desenvolvimento. Um simples gesto de um adulto, como estender a mão para cumprimentá-las ou perguntar se querem se aproximar, indica respeito e cuidado e pode acionar uma conexão positiva, abrindo espaço para um diálogo em que de fato elas sintam-se parte. Atualmente, muitos bebês e crianças pequenas frequentam instituições voltadas para a infância, onde passam grande parte do dia.

Respeito, cuidado e conexão



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Nestes espaços, todos os adultos são educadores, independentemente de sua escolaridade e função. Cozinheiras, porteiros, profissionais da limpeza, entre outros, são membros da equipe e o valor de seus saberes específicos deve ser reconhecido por si mesmos e pelos outros. São atores-chave na formação das crianças e, portanto, sua formação como escutadores se alimenta no cotidiano das relações.

Escutar o outro é transitar em um universo/espço permeado pelo sensível. Para saber escutar, olhar e observar o todo e os detalhes é preciso, primeiro, ser escutado, vivenciar essa experiência de valorização de si e de suas funções. Na cena seguinte, o sorriso da educadora para quem a fotografa e a atitude da jovem em relação ao bebê desvelam o quanto é importante olhar sempre para o outro, reconhecendo-o.

Ser reconhecido e escutado



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Mas isso não é tão simples quanto parece. A escuta de si e do outro pressupõe uma reflexão sobre a visão de mundo que cada um traz consigo. É comum encontrarmos pessoas atravessadas por amarras e preconceitos, que se pautam por uma escuta baseada em premissas tendenciosas, à espera de respostas, reações e ações respaldadas por visões preconcebidas, que restringem o vasto universo individual.

Ressaltamos que o interesse genuíno pelo que as crianças dizem requer presença e disponibilidade numa postura de delicadeza. Mesmo que estejam em grupo, cada criança é única e a escuta deve ser adaptada às suas necessidades individuais. A leitura do que é

de cada um e do que é de todos é desafiadora e necessária. Escutar as crianças de forma participativa e atenta pode ser alcançada através de um contexto de escuta dialógica e não intervencionista.

Compartilharemos abaixo, alguns caminhos percorridos pelo CIESPI/PUC-Rio.

3.1 Experimentando múltiplas linguagens

A arte de escutar é um processo contínuo de interação em conversas abertas, de se deixar instigar e se encantar com as surpresas da expressão livre presentes no brincar, desenhar, ler, contar e ouvir histórias, cantar, dançar. Durante todo o processo de escuta, as perguntas que fazemos não devem ter a intenção de direcionar respostas, mas sim de compreender o que está em jogo enquanto as crianças interagem. Para que a escuta aconteça, existem maneiras de acessar essas várias linguagens.

Para sugerir atividades lúdicas, que façam sentido para as crianças, é interessante que os adultos se coloquem em sintonia com elas, lembrando como vivenciaram seus próprios repertórios de brincadeiras, entre outras manifestações infantis, revisitando suas infâncias e brincando entre si. Quando estão com as crianças, é comum se colocarem de fora, como espectadores, observando ou apenas cuidando para que não se machuquem ou entrem em conflitos. Quando encontram a oportunidade de viver novamente esse espaço/tempo do brincar, o faz de conta emerge e eles se esquecem de seus tamanhos, idades e limitações. Assim como no seu faz de conta a criança assume papel de adulto, os adultos, quando convidados a brincar, fazem o inverso e, usando a bela expressão criada por Paulo Freire (1994, p. 28)⁸, meninizam-se, como podemos ver nas fotos abaixo.

Meninizar-se



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Rede Brincar e Aprender

As conversas com as crianças despertadas pelas atividades propostas, sejam elas quais forem, são significativas para conhecermos as perspectivas e opiniões dos envolvidos. A liberdade de expressão deve ser garantida, pois é parte do ato de pensar, dialogar e criar.

No caso das crianças, esse cuidado de se abrir às ideias que elas trazem se faz sempre necessário, mesmo que os objetivos sejam específicos. Seleccionamos algumas situações para mostrarmos como isso pode acontecer.

O Projeto Contrastes, iniciado em 2016, teve como propósito escutar as crianças sobre os temas “infância e cidade” para elaborar, junto com outras organizações da RNPI, o Plano Municipal pela Primeira Infância do Rio de Janeiro⁹. O desafio posto era partir do olhar que elas tinham de sua vida e seu cotidiano para que externassem o que desejavam que fosse diferente. Para isso, foram realizadas oficinas de desenho com crianças de diversas faixas etárias, em instituições de educação infantil e escolas públicas.

Como estratégia, a equipe usou papel manteiga sobre fotografias tiradas por fotógrafos profissionais, contornou o gesto da criança em foco e transformou-o em silhuetas simplificadas.

Da foto à silhueta



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Contrastes

As silhuetas eram entregues às crianças, sem que, no primeiro momento, as fotografias originais fossem mostradas ou mencionadas. A ideia era que, a partir desses contornos dos gestos, as crianças as completassem com seus desenhos criando uma cena.

Muitas surpresas se revelaram nos desenhos. Para a equipe, que tinha as fotografias originais na cabeça, foi incrível notar as inversões, invenções e reflexões feitas pelas crianças.

Ressignificação



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Contrastes

Os registros mostram ainda, para nosso encanto, que, antes mesmo de começarem a desenhar, elas exploravam lápis e texturas, criando várias brincadeiras que felizmente foram valorizadas.

Criação livre



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Contrastes

Vemos assim que, tanto nos momentos mais fugazes de exploração do material quanto na recriação das silhuetas, as crianças interagiam umas com as outras e com a equipe, contando como viviam e brincavam e como visualizavam uma cidade que contemplasse a todas, sem desigualdade.

3.2 Preparando um ambiente de delicadeza

Olhar direto nos olhos com ternura, sorrir com leveza, estender a mão em gesto de partilha, respirar com suavidade e ouvir com curiosidade a gramática própria das crianças é acolher o que emerge em palavras, silêncios, risos e choros. Há que se criar um ambiente de delicadeza, de confiança, de acolhimento, para que as experiências de cenas cotidianas e do sensível à flor da pele venham à tona, para que as lembranças e os sonhos possam ser expressos sem receio. É necessário, dentro dos limites do possível, nos prepararmos para reações e falas inesperadas, ligadas a diferentes emoções – alegrias, dores, estranhamentos, abandonos. Muitas vezes, o que está aquietado, em função de “esquecimentos” temporários, é resultante de vivências desagradáveis ou mesmo traumáticas. Diante desse cenário, mais do que nos abirmos ao que o outro diz, precisamos afastar a possibilidade de incorrerem em julgamentos antecipados.

Para instalar um ambiente de escuta e dar início ao diálogo, nos variados locais frequentados pelas crianças, pátio, sala de aula, sala de espera ou jardim, o formato circular convida à participação, indica que cada um terá seu lugar de fala respeitado, favorece a convivência, possibilita a compreensão da atividade proposta e facilita a circulação dos escutadores. Nos projetos realizados, a equipe prioriza, dentro do possível, explorar os espaços externos, buscando desemparedar as crianças, como proposto por Tiriba e Profice (2023)¹⁰. Quando todos se mostram confortáveis, com os olhos e ouvidos atentos, o ambiente de escuta está preparado.

Atenção conquistada



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

O paraquedas, que aparece na imagem, foi inspiração para o desenvolvimento de objetos lúdicos que partiram da escuta e tornaram-se disparadores de novos diálogos.



3.3 Criando objetos lúdicos

Ao longo das quatro décadas de existência do CIESPI/PUC-Rio, um acervo de objetos lúdicos foi criado. Desenvolvidos em diferentes contextos, passaram a circular por várias regiões do Estado do Rio de Janeiro, dialogando com diferentes públicos - crianças, adolescentes, jovens e adultos.

Em vários deles, a metodologia de design participativo, proposta pelo Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, sob a orientação de Luis Vicente Barros, esteve na base do processo coletivo.

Os primeiros remontam ao ano de 2004, quando o Projeto Rede Brincar e Aprender teve início com o objetivo de promover ações que fomentassem a ampla reflexão sobre os caminhos que marcaram a construção coletiva da educação na Rocinha e o debate sobre as possibilidades de potencializar, impulsionar e dar visibilidade externa a uma gama de profissionais e moradores que se dedicavam à formação de crianças.

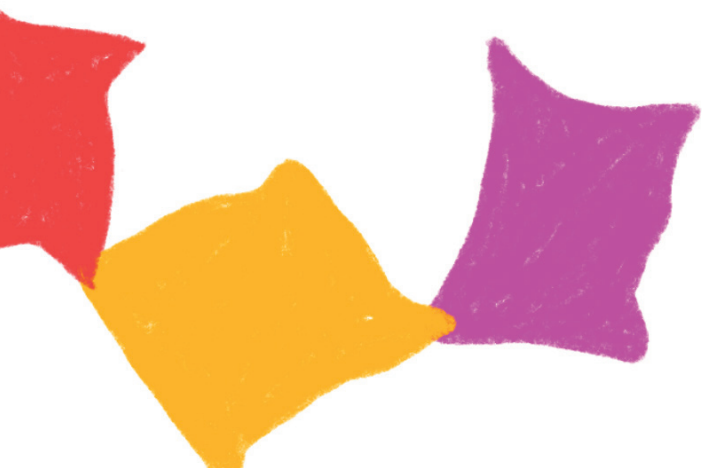
Os objetos deveriam ser resultado da convivência num espaço, sob a mediação de alguém que trabalhasse com um grupo em plena atividade. Tendo a arte-educação¹¹ como suporte, buscava-se, pela escuta das educadoras envolvidas, valorizar o brincar no cotidiano, contribuindo para a formação solidária e harmoniosa das crianças.

Uma das mediadoras, mineira de Cataguases, veio para o Rio com 15 anos e, trabalhou desde os 17 numa brinquedoteca. Sua infância no interior alimentava sua relação com as infâncias das crianças que a cercavam. Na ocasião do projeto, ela morava na ladeira da Margarida, no Horto, Rio de Janeiro, e seu trabalho era realizar brincadeiras e contar histórias para crianças de diversas faixas etárias, no quintal de sua casa e em dois colégios, localizadas no mesmo bairro.

Um dos recursos usados por ela era aquele paraquedas colorido que já mostramos anteriormente aqui. Nas brincadeiras, ao ser suspenso do chão, ora virava ondas do mar, ora pula-pula para urso de pelúcia, dentre outras possibilidades sugeridas por ela ou pelas crianças.

Da observação dessas interações, foram coletadas palavras, que, posteriormente, a partir de várias combinações entre elas, formaram frases sobre brincadeiras, brinquedos e travessuras.

Depois de alguns experimentos, foi se delineando um brinquedo de tecido estruturado com bambu, que possibilitava brincadeiras individuais e coletivas, convidando os participantes a fazer parte e dar-lhe vida. Assim nasceu a Ciranda das cores.



Ciranda das cores



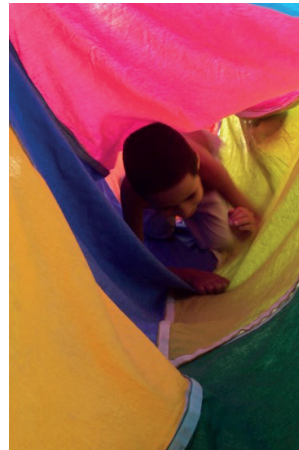
Acervo CIESPI/PUC-Rio

O Arco-íris seguiu a mesma metodologia. Desta vez, as observações foram feitas em uma creche na Rocinha. A dinamizadora veio da cidade de Barrolândia, interior da Bahia, tendo passado sua infância na cidade de Canavieiras, brincando com seus irmãos e fazendo seus próprios brinquedos. Sempre no chão, sentada ou deitada, a educadora misturava-se com as crianças, acolhendo e incentivando brincadeiras. Depois de explorar vários experimentos, ela identificou que, assim como ela fazia na infância, usando papelão na praia ou no rio, os pequeninos gostavam de se esconder, de se sentar em cima do pano para o outro arrastar.

Assim como antes, alguns encontros foram necessários para se chegar a um conjunto de palavras: brincar, brincadeira, passeios escolares, férias, brinquedoteca, casa, pais.

Assim como a Ciranda das cores, o Arco-íris se tornou um recurso lúdico versátil, que favorece a escuta de crianças e adultos. Desde que foram criados, eles já circularam bastante e continuam circulando por vários territórios do Brasil¹², promovendo encontros e ampliando as possibilidades de atribuição de sentidos.

Arco-íris



Acervo CIESPI/PUC-Rio

Mas essa produção não parou por aqui. O tapete Rosa dos ventos é outro objeto lúdico criado através dessa metodologia, que apresenta, em formato de estrela, a natureza exuberante da região da Costa Verde/RJ e a luta dos quilombolas por suas terras ameaçadas pela sanha imobiliária.

Rosa dos ventos



Acervo CIESPI/PUC-Rio

E tem mais! Das vivências, cantorias e relatos de mestres de tradição oral do Vale do Café/RJ, surgiu um grande mapa de pano, rodeado de pequenos círculos, que representam as várias cidades que compõem a região e as várias camadas de tempos que se sobrepõem.

Mapa Vale do Café



Acervo CIESPI/PUC-Rio

Todos esses objetos, além de proporcionarem conversas sobre memórias de infâncias e sobre a vida dos dias, ganham muitos outros significados, ao serem manuseados pelas crianças pequenas, virando adereços, vestimentas, bonecos ou mesmo tapete para inventar, contar e ouvir histórias. Essas ideias foram sendo incorporadas e deram origem a mais jogos como o quebra-cabeça que forma o mapa da Rocinha.

Quebra-cabeça Rocinha



Acervo CIESPI/PUC-Rio

Outra forma de jogar, partindo-se dessa cartografia, foi criada em 2007. O objetivo inicial foi instigar pessoas de diferentes idades a contar sobre a vida cotidiana e a história de formação dessa comunidade, com dimensão de cidade, encravada em um dos mais belos cartões postais do Rio de Janeiro. No Mapa-Jogo, as trilhas da Rocinha são percorridas, e os jogadores passam por casas coloridas que correspondem a diferentes cartelas com brincadeiras, história da favela, adivinhas e cantigas, sorte ou revés. Para a caminhada, utilizam uma roleta-rodo do bonde. É um jogo colaborativo, onde prevalece a convivência e o compartilhamento, sem ganhadores ou perdedores.

Mapa-jogo de trilhas Rocinha



Acervo CIESPI/PUC-Rio

Esses brinquedos artesanais singulares, versáteis em sua forma de uso, possibilitam a expressão livre e criadora e ativam a criação de outros recursos lúdicos para alimentar novas experiências de escuta.

Em 2013, através da parceria entre o CIESPI/PUC-Rio com profissionais e jovens da Rocinha, atuantes nas áreas da educação e da cultura, foi criado o ponto de cultura¹³ - Centro Lúdico da Rocinha¹⁴. Esse acervo ganhou abrigo nesse espaço que tem o intuito de valorizar a história, a memória, a cultura e a prática educacional da Rocinha, tendo a ludicidade e a liberdade de criação como eixos.

3.4 Selecionando recursos lúdicos

Nos casos até agora citados, a seleção dos recursos disparadores de diálogos se baseia em muitas observações e escutas e estão ligados a certas condições. Queremos deixar claro que essa escolha depende dos objetivos, das dimensões de cada projeto e da faixa etária dos envolvidos. Ressaltamos também que mesmo elementos muito simples podem ser muito potentes. Com os bebês, alguns pedaços de tecidos, pequenas bonecas de pano e brinquedos de movimento são particularmente instigantes e convidam à interação.

Olhares entrelaçados



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

A imagem acima mostra a adaptação feita durante o Projeto Contrastes, para escutar como crianças menores de 3 anos se manifestavam sobre a cidade em que viviam. Com desenhos e ideias dadas por crianças mais velhas, foi montada uma história, que, ao ser narrada, ganhou mais vida com elementos que foram acrescentados.

Com crianças um pouco maiores, tornar a presença de cada um como um presente para todas é muito importante. Brincadeiras com os nomes dos participantes da roda, logo no início, por exemplo, animam a conversa, instigam o interesse pelos temas abordados e reconhecem a singularidade de cada criança. Os trava-línguas, geralmente, encantam grandes e pequenos, que ficam tentando decifrar sua lógica: MARIA-IA; CATIBIRIB-IA; SARARACUT-IA; FIRIFIRIF-IA ou JULIO-ULIO; CATIBIRIB-ULIO; SARARACUT-ULIO; FIRIFIRIF-ULIO. E aqui vai uma sugestão nossa: quanto mais rápido, mais divertido.

As brincadeiras tradicionais são também caminhos que favorecem a interação e criação de vínculos. Muitas vezes desconhecidas das novas gerações, ao serem sugeridas, enriquecem os repertórios e ampliam as possibilidades de diálogos entre si e com os adultos.

Elástico, Cinco Marias, Pé de Lata



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Centro Lúdico da Rocinha/Vassouras

Assim como foi com o Projeto Contrastes, que tinha temas definidos a priori e com objetivos bem específicos.

Posteriormente, no âmbito do Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva¹⁵, o desafio era saber o que as crianças pensam sobre participação, inclusão e segurança¹⁶.

A opção feita pela equipe foi explorar o universo das ilustrações de livros de literatura infantil. Após pesquisas sobre ilustradores¹⁷, que respeitam o universo imaginário das crianças e contribuem para despertar aproximações mais subjetivas e menos evidentes¹⁸, as ilustrações foram ampliadas em papel A3 e plastificadas. Para que fossem exploradas ludicamente e engajassem as crianças na proposta, foram colocadas em uma Caixa Misteriosa.

Caixa Misteriosa com ilustrações de livros infantis



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

As crianças, logo de início, evidenciaram o interesse pela proposta, com gestos e expressões de curiosidade.

3.5 Registrando infâncias: a fotografia como aliada da escuta e da escrita

Quando se trata de realizar a escuta de crianças pequenas, precisamos deixar claro, desde o início, o papel de cada sujeito envolvido, ressaltando a importância que as anotações e o registro fotográfico têm para a valorização e ampliação de suas vozes. Mas como registrar falas, perguntas, interações e movimentações, tudo acontecendo ao mesmo tempo?

Embora cada um possa criar maneiras de não esquecer o que aconteceu e foi dito, o mais indicado é designar alguém que se encarregue especialmente de observar e registrar. Esta pessoa é muito importante no processo como um todo, pois, munida de um caderno ou, atualmente, de um celular, pode escrever e/ou fotografar o que emerge das interações, ajudando quem está à frente da atividade a rever, lembrar e avaliar o que se desenrolou.

Esses recursos, no entanto, não devem nunca se sobrepor ou interromper o diálogo. O desafio é integrarmos essa pessoa de modo que todos fiquem bem à vontade. Caso os registros não fiquem adequados ou se percam em decorrência de alguma adversidade, não é o fim do mundo, pois é possível reconstruir a memória entre os participantes, recuperando, nas trocas, o que cada um percebeu, identificou e sentiu.

Registrar no celular e observa



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Outras maneiras podem ser inventadas para guardar o que se quer guardar. É comum, por exemplo, que as crianças criem diversas narrativas enquanto desenhavam. Destacamos uma ideia que teve bons resultados: solicitar que as crianças deem seus próprios títulos aos desenhos ou demais produções e compartilhem no grupo, também oralmente, suas ideias e pensamentos. Esse encaminhamento proporciona ao escutador uma compreensão mais autêntica e precisa do que elas estavam pensando ou sentindo enquanto desenhavam.

Sugerimos ainda, como estratégia de armazenamento desses dados, que os desenhos sejam digitalizados e nomeados com as frases ditas pelas crianças e não com títulos inventados pelos escutadores, que, ao invés de ampliarem o olhar, incorrem no risco de fechá-lo em uma única direção.

"Moça subindo uma escada de pedra. No carro: minha mãe, eu e o cachorro. O nome do cachorro é Tcheize da música que conheço"



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

“Pessoas no Japão admirando cerejeiras”



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

Quando o diálogo é permanente, antes e depois do ato de desenhar, favorecemos também que as crianças criem sequências e inventem histórias.

Ampliando narrativas



Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Estamos vendo que, durante todo o processo, a fotografia é um valioso recurso de pesquisa, de interação e escuta, pois vai além da necessidade de guardar as experiências vivenciadas. Mesmo que não seja capaz de guardar tudo, é um importante suporte de memória. Retratos ou instantâneos ajudam a reconstruir os momentos vividos e, nos detalhes, acabam revelando o que, no quente do momento, não conseguimos observar.

Mas, se o ato de fotografar é considerado por nós como parte da atividade de escuta e reflexão, cabe fazermos um alerta. Algumas pessoas, quando sabem que estão sendo fotografadas podem se abstrair, mas outras assumem posturas determinadas por hábitos culturais. E, como seguimos a lógica de que a criança e o adulto falam com o corpo inteiro, incômodos, curiosidades, reações ou gestos inesperados ou apenas belos, podem ser flagrados.

Lembramos ainda que, em uma escuta cuidadosa, que respeite o desejo das crianças, se, porventura, uma delas não quiser ser fotografada, isso deve ser acatado. E, mesmo com a autorização de uso de imagem, é possível exercitarmos o ato de capturar a essência do que acontece, evitando mostrar diretamente o rosto das crianças, criando-se modos de preservá-las.

Em 2011, no Projeto Juegos e Juguetes en Latinoamerica¹⁹, meninos e meninas de Bahia Blanca, na Argentina, diante das perguntas curiosas da equipe do CIESPI/PUC-Rio, composta por brasileiros que não falavam espanhol, responderam que não havia nada de importante no local onde viviam. Depois de receberem e explorarem algumas câmeras fotográficas, elas ressignificaram seus olhares e passaram a ver beleza onde antes viam apenas lixo.

Câmeras na mão



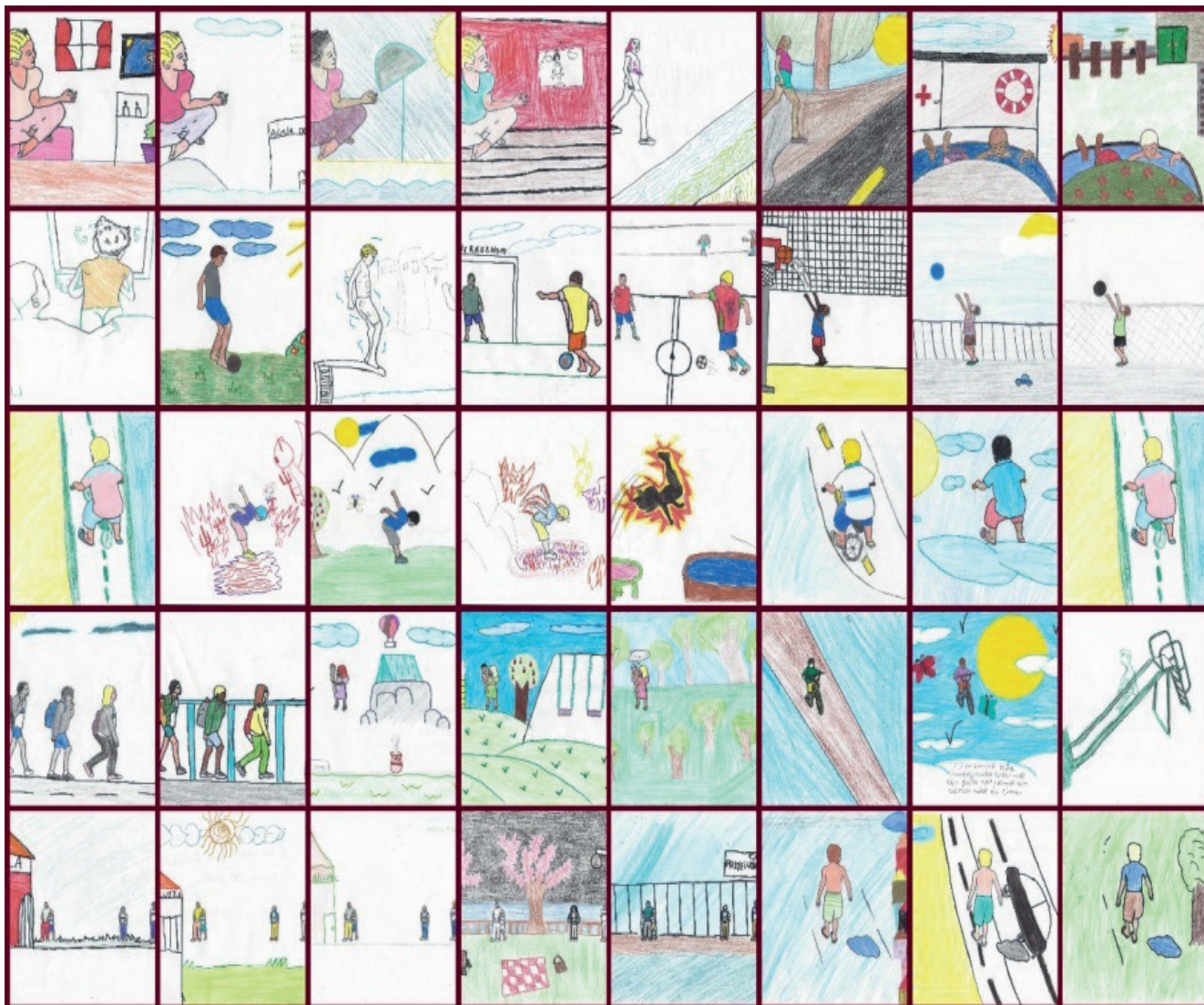
Acervo CIESPI/PUC-Rio/Projeto Juegos e Juguetes en Latinoamerica:
Experiências Interculturales/ Bahia Blanca/Argentina

Muitos são os meios de fazer a análise de processos de escuta. Indicamos uma das ferramentas utilizadas pela equipe do CIESPI/PUC-Rio, que se mostrou extremamente interessante: a montagem de mosaicos de fotos, palavras ou desenhos.

Quando esses tipos de registro são colocados lado a lado, ampliam as possibilidades

de fazer correlações entre as expressões das crianças e criar painéis comparativos. A experiência nos mostrou que algumas imagens, quando postas em diálogo com outras, se destacam pela diversidade de leituras que engendram.

Mosaico de desenhos

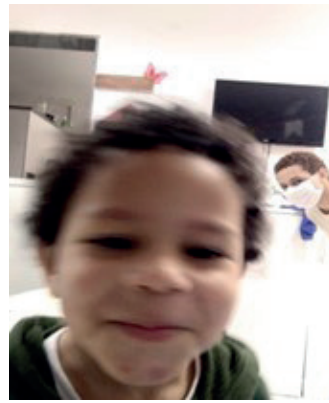


Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

A análise deve considerar tanto a perspectiva de quem fotografou como os aspectos técnicos – câmera (analógica ou digital) ou celular. O ato de fotografar está vinculado ao momento histórico, que também define a atuação do fotógrafo enquanto filtro cultural, configurando-se, portanto, um duplo testemunho, tanto pelo que mostra da cena passada como pelo que revela do seu autor.

No ato de divulgarmos os processos e os resultados, o cotejo entre a fotografia e os registros escritos é capaz de nos mostrar e ampliar o nosso olhar para os eventos em questão. Algumas imagens só revelam sua riqueza posteriormente, como essas que vêm a seguir, em que as crianças ficaram intrigadas com o timer do celular. Nessa brincadeira, um dos meninos flagrou o jovem educador ao fundo, mostrando que o interesse por essa tecnologia está presente nas duas gerações.

Flagrantes



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Por revelar para onde o fotógrafo direciona seu olhar, a fotografia também nos ajuda a identificar interesses que, às vezes, não foram comunicados verbalmente.

Qual é o foco?



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Contrastes

Na escrita deste texto, revimos nessas imagens a alegre interação das crianças, a árvore frondosa e a educadora em ação. Porém, constatamos que a beleza maior desses registros está no fato de que foram feitos por uma criança autista, que não se expressava em palavras.

Queremos ressaltar com tudo isso que a fotografia não é um registro mecânico da

realidade, ela traz subjetividades grafadas tanto de quem fotografa como de quem analisa e escreve sobre a fotografia capturada. Analisar a própria prática e os resultados obtidos é fundamental para a formação permanente do escutador.

3.6 Jovens como conectores entre gerações

A inclusão de adolescentes e jovens em processos de escuta de crianças pequenas é um caminho muito interessante e potente, pois, rapidamente, eles acessam suas memórias recentes e se colocam ao lado das crianças. Em mais de um projeto, o CIESPI/PUC-Rio convidou jovens moradores da Rocinha para formarem-se como escutadores-brincantes²⁰. Escolhemos algumas imagens que evidenciam como essa ideia foi posta em prática em momentos distintos.

Os jovens que compunham o grupo dos Arautos Brincantes e da Trupe Brincante foram incentivados a pensar sobre as diferentes infâncias: deles próprios, dos mais velhos que os cercam, das crianças com quem convivem e das crianças que moram pelas áreas onde habitam e por onde circulam.

Jovens escutadores-brincantes

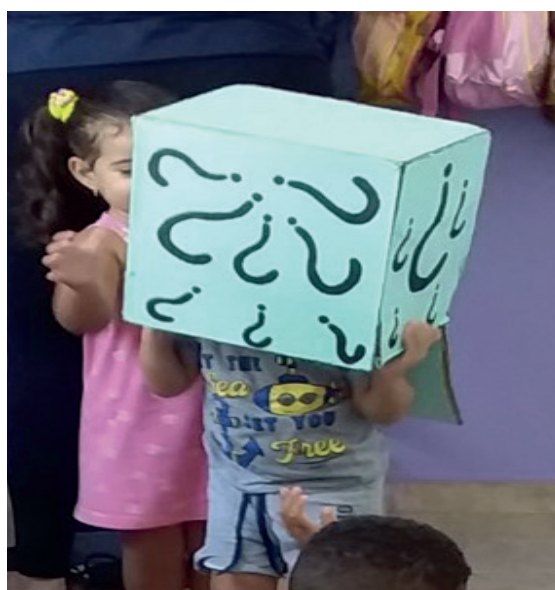
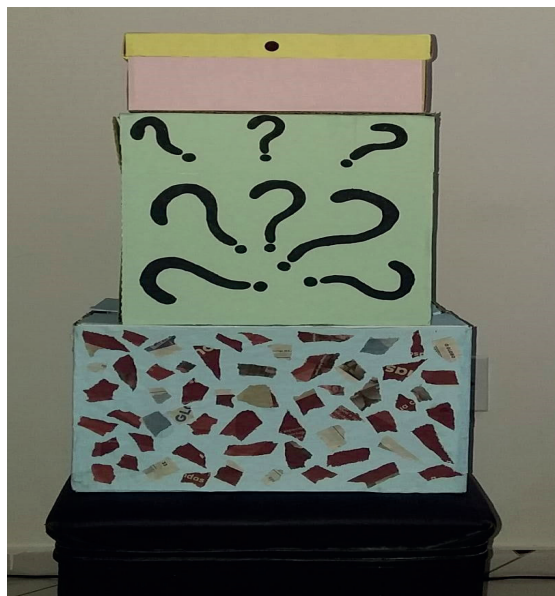


Acervo CIESPI/PUC-Rio

Em 2013, a proposta dos Arautos Brincantes era de que profissionais e jovens da Rocinha, atuantes nas áreas da educação e da cultura, formassem uma brinquedoteca caminhante, seguindo trilhas lúdicas, entre escolas, pátios e quadras da comunidade e, para além dela, em diferentes cidades do Rio de Janeiro, propondo brincadeiras e invenções, permeadas por conversas e histórias sobre os locais que visitavam.

Em 2021, durante o Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva, a Trupe Brincante - grupo de jovens moradores da Rocinha, que passou por uma formação sobre crianças e infâncias - criou Caixas surpresas como convite à interação e como disparador de uma escuta que leva em consideração gestos e iniciativas de invenção.

Caixa surpresa



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Assim, o CIESPI/PUC-Rio costuma incentivar o planejamento e a realização de atividades lúdicas ao ar livre ou em Instituições de Educação Infantil para chamar a atenção das pessoas que vivem no entorno, familiares, profissionais da educação, coordenadores, entre outros, para a importância da infância e do direito de brincar.

Como olhar para a própria infância e para a das crianças é um processo dinâmico, a observação do que está em volta, quando provocada a partir de mergulhos na própria infância e na de outros, gera descobertas e promove mudanças.

Plantio da goiabeira



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

A paisagem através da janela muda, a goiabeira deixa de ser apenas uma árvore no horizonte e passa a ser vista como fundamental para o brincar das crianças. E, quando a chuva a leva numa enxurrada, rapidamente, a ideia de plantar outra, coletivamente, brota, como vemos nas fotografias.

3.7 Observando riscos e cuidados éticos

A atenção cuidadosa a uma criança se expande a outras para acolhê-las em suas angústias, aflições e medos. Os aprendizados em equipe podem ativar uma observação reflexiva e coletiva na intenção de identificar vivências dolorosas e encontrar caminhos que possam evitar a continuidade da abordagem danosa à criança. Dependendo da gravidade e do risco, cabe definir em equipe a melhor atitude imediata a seguir.

Mas, na escuta sempre aguçada, é fundamental a atenção a temas “delicados”, como indícios de qualquer forma de discriminação e preconceito, abuso sexual e violência doméstica, e torna indispensável o estudo coletivo sobre educação antirracista, violência doméstica e institucional, entre outros. Mesmo nos encontros aparentemente leves, em meio a brincadeiras ou histórias, pode ocorrer a revelação espontânea ou a identificação de indícios ou confirmações de violência vivida pelas crianças. Nesses casos, é essencial que a pessoa que percebeu a situação não tome medidas por impulso ou tente solucionar o problema por conta própria. Há procedimentos estabelecidos sobre como agir nestes casos, garantindo a correta comunicação e encaminhamento do ocorrido. A Lei 13.431/2017, juntamente com o Decreto 9.603/2018 que a regulamenta, estabelece diretrizes para o atendimento de crianças e adolescentes vítimas ou que presenciaram atos de violência.

Destacamos o que traz o Estatuto da Criança e do Adolescente:

os casos de suspeita ou confirmação de castigo físico, de tratamento cruel ou degradante e de maus-tratos contra criança ou adolescente serão obrigatoriamente comunicados ao Conselho Tutelar da respectiva localidade, sem prejuízo de outras providências legais (BRASIL, 1990).

Nas situações de revelação espontânea de violência, para evitar a revitimização, ou seja, que a criança tenha que relatar o trauma sofrido diversas vezes, deve-se escutá-la atentamente, sem interferência e perguntas adicionais. O relato deve ser registrado, seguindo as notificações estabelecidas no art. 13 da Lei nº 13.431/2017, e encaminhado ao Conselho Tutelar.

Nos projetos aqui compartilhados, o tempo disposto para estar e escutar as crianças é curto, mesmo assim, essas situações emergem. Sinalizamos e este é nosso desejo com esta publicação, que essa postura atenta e apurada de escuta se estenda em diálogos permanentes entre adultos e crianças nos mais diversos territórios.

4. Compartilhando as experiências

Quando o desejo de escutar e o ambiente de acolhimento se tornam presentes, os encontros envolvendo crianças e adultos ou adultos entre si desencadeiam novos diálogos, em um permanente processo de coparticipação.

A criação de espaços de troca para tratar dessas questões é, a nosso ver, muito importante. Nas imagens abaixo, vemos rodas de conversa promovidas pelo CIESPI/PUC-Rio

com profissionais da Educação Infantil, sobre as infâncias e a escuta de crianças.

Diálogos sobre infâncias



Acervo CIESPI/PUC-Rio/ Projeto Primeira Infância Participativa e Inclusiva

Como maneiras criativas e simples de tornar visíveis os processos de escuta e de envolver o público nesses diálogos, pequenas exposições montadas em estruturas versáteis, em diferentes espaços, têm se mostrado atrativas. Seguem alguns exemplos de como é possível fazer isso com bambu, dobraduras-que-viram-recipientes de fotos, desenhos e frases, de modo a incentivar a interação.

Exposições



Acervo CIESPI/PUC-Rio



5. Considerações finais

A ideia que permeou a elaboração desta publicação partiu do nosso desejo de compartilhar as práticas do CIESPI/PUC-Rio, desenvolvidas ao longo de quatro décadas de existência, para, de alguma forma, inspirar todos aqueles que lidam com crianças.

Os ambientes onde acontecem os processos de escuta de si e do outro assim como os recursos utilizados para disparar as atividades podem ser os mais variados. A preparação prévia permite a visualização do que possivelmente acontecerá. Porém, destacamos que, embora haja esse planejamento, as crianças têm liberdade para, a qualquer momento, modificá-lo, trazendo seu olhar curioso e sua visão de mundo, dando novas funcionalidades ao espaço e aos objetos.

Vimos que são muitas as formas de ancorar o registro de uma experiência, entre elas, a fotografia e a escrita feitas pelo adulto. Mas enfatizamos que as fotos e os desenhos das crianças também são fontes inesgotáveis de reflexão.

E foi com o objetivo de pensar a formação de escutadores que apontamos alguns olhares possíveis para as metodologias de observação e escuta. Enfatizamos que o ponto de partida é saber escutar, mas que o mais importante é o que se desdobra e o que pode ser feito a partir da escuta. Reafirmamos que a busca permanente é estabelecer uma dimensão interativa que favoreça e garanta os múltiplos DIÁLOGOS.

Ao revisitarmos essas experiências, identificamos que todas elas envolvem elementos que parecem óbvios, mas que, no entanto, não são evidentes para quem está no início do caminho ou para quem ainda não parou para refletir sobre os assuntos abordados. O cotejo que fizemos entre imagens e textos evidenciou que os fios condutores da escuta e da participação são a delicadeza, a brincadeira e a arte, que revelam as belezas e as dores das crianças.

Nos debruçamos especialmente nas fotografias para frisar que são um aliado importante não apenas na reconstrução da memória, mas abrindo possibilidades de olharmos atentamente para o que as expressões das crianças nos dizem.

No momento em que finalizávamos esse documento, em agosto de 2023, nos deparamos com mais uma cena cotidiana de barbárie que acomete a população pobre da cidade do Rio de Janeiro. Uma fotografia, que circulou nas redes sociais, nos chamou particular atenção.



Desolação

Fotografia de Selma Souza. Rio de Janeiro, agosto de 2023

A fotógrafa capturou a reação das crianças durante o enterro de um menino de 13 anos, assassinado por forças do Estado. Nos perguntamos: O que nos dizem os olhares dessas crianças diante do amigo morto?

6. Expandindo horizontes: sugestões de leituras

Nosso desejo é que essa leitura tenha despertado sua curiosidade e tenha sido inspiradora de novas práticas e de escuta!

Para quem quiser ampliar e aprofundar o conhecimento sobre os diversos assuntos abordados, colocamos algumas notas e indicamos algumas fontes de consulta.

6.1 Publicações CIESPI/PUC-Rio

As publicações do CIESPI/PUC-Rio podem ser encontradas em: <https://www.ciespi.org.br/>. Destacamos duas que se referem diretamente ao tema das metodologias de escuta:

PORTO, Cristina Laclette; RIZZINI, Irene. Olhares das crianças sobre suas cidades: reflexões sobre aportes metodológicas. In: *Sociedad e Infancias*. Norteamérica, 1, ago. 2017. Disponível em: <https://goo.gl/CYZGvG>. Acesso em 19 jun 2023.

PORTO, Cristina Laclette; LACERDA, Nathercia; RIZZINI, Irene. Contrastes: Infância e Cidade - metodologias de escuta e participação. Caderno de Pesquisa e Políticas Públicas Nº 6. Rio de Janeiro: CIESPI/PUC-Rio, 2019. Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/site/collections/document/1428>. Acesso em 19 jun 2023.

6.2 Recomendações de leituras

ABRAMOVIC, Anette; MORUZZI, Andrea Braga (org.). *O plural da infância: aportes da sociologia*. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

BRASIL. [Constituição (1988)]. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República, 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.257, de 8 de março de 2016. Marco Legal da Primeira Infância. Dispõe sobre as políticas públicas para a primeira infância e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662 de 5 de junho de 2012. Brasília, DF: Congresso Nacional, [2021]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20152018/2016/lei/l13257.htm. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil*. Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9769-diretrizescurriculares-2012&category_slug=janeiro-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. *Diário Oficial da União*. ano 1990, Disponível em: <https://cutt.ly/yECVBmB>. Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017. Estabelece o sistema de garantia de direitos da

criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência e altera a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente). Brasília, DF: Congresso Nacional, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/l13431.htm Acesso em: 17 jul. 2023.

BRASIL. Decreto 9.603/2018. Regulamenta a Lei nº 13.431, de 4 de abril de 2017, que estabelece o sistema de garantia de direitos da criança e do adolescente vítima ou testemunha de violência. Brasília, DF: 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9603.htm Acesso em: 17 jul. 2023.

CASTRO, Liana Garcia. Sob o olhar das crianças: espaços e práticas na educação infantil. Campinas, SP: Papirus, 2019.

COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. (org.) Abrir-se à escuta das vozes infantis. São Paulo: Phorte, 2023.

GUIMARÃES, Daniela. Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética. São Paulo: Cortez, 2010.

KOHAN, Walter. (org.) Lugares da infância. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/a-infancia-da-educacao-o-conceito-devir-crianca>. Acesso em 19 jun. 2023.

KRAMER, Sonia.; PENA, Alexandra.; TOLEDO, Maria Leonor; BARBOSA, Silvia Neli Falcão. (orgs.). Ética: pesquisa e prática com crianças na educação infantil. Campinas, SP: Papirus, 2019.

MÜLLER, Fernanda; CARVALHO, Ana Maria Almeida. Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, Julia; KISHIMOTO, Tizuko Morchida; PINAZZA, Monica Apezato. (org.). Pedagogia(s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2007.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nelia Maria Rezende (org.) Infância em Pesquisa. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. A Metodologia Mora no Tema: infância e cultura em pesquisa. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 46, n. 1, e106860, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-6236106860>. Acesso em: 17 jul. 2023.

RINALDI, Carla. Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

RIZZINI, Irene. O século perdido. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, Ana Beatriz (coord.). Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (org.). Estudos da infância: educação e práticas sociais. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. As crianças, contexto e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997.

SOUZA, Gizele de. A criança em perspectiva: olhares do mundo sobre o tempo infância. São Paulo: Cortez, 2007.

TERRA, Carolina. Construção social da Primeira Infância e sua priorização na agenda pública brasileira. Rio de Janeiro, 2021. 138p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.ciespi>.

org.br/site/collections/document/1456. Acesso em: 14 ago. 2023.

TERRA, Carolina; RIZZINI, Irene. Primeira Infância: prioridade absoluta na agenda pública brasileira? In: Monique Voltarelli; Cristiano Alcântara (org). Infâncias para além da escola na América Latina: como vê-las?. SP: Phorte, 2023.

7. Notas

1 QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. Os cinco sentidos. Minas Gerais: Miguilin, 2004.

2 Criada em 2007, a RNPI envolve cerca de 270 organizações em todo o país, incluindo sociedade civil, governo e academia. Mais informações no site: <https://primeirainfancia.org.br/>. Acesso em 14 jul. 2023.

3 Rede Brincar e Aprender (2002-2005), Juegos e Juguetes en Latinoamerica: Experiências Interculturales (2011), Contrastes: Infância e Cidade - metodologias de escuta e participação (2016-2019), Primeira Infância Participativa e Inclusiva (2020-2024), Centro Lúdico da Rocinha (2005, em andamento), Ludicidade da Memória (2012, em andamento).

4 MORIN, Edgar. Introdução ao pensamento. Porto Alegre: Sulina, 2011, p.76

5 Desde o final do século XIX, formulava-se a Política Nacional de Assistência e Proteção ao Menor, que veio a dar bases para a criação de um aparato tutelar de proteção à infância, percebida como em perigo (as crianças desvalidas, órfãs e abandonadas) e aquelas caracterizadas como perigosas (os menores delinquentes ou em perigo de o serem). Concepções e práticas, gestadas na aliança entre Justiça e Assistência foram implementadas, sobretudo, a partir da promulgação do Código de Menores de 1927. Está questão foi abordada em: RIZZINI, Irene. O século perdido. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

6 O direito à escuta e à participação constitui um dos quatros princípios gerais da Convenção sobre os Direitos da Criança da ONU, sendo os demais o direito à não discriminação, o direito à vida e ao desenvolvimento, e o princípio do melhor interesse da criança. Em 2009, o Comitê dedicou um Comentário Geral específico sobre o tema, o número 12. Além disso, a possibilidade de participação de crianças no âmbito internacional foi ampliada através do Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos da Criança sobre um Procedimento de Comunicações, aprovado

na Assembleia Geral das Nações Unidas no dia 19 de dezembro de 2011, entrando em vigor em 2014. No Brasil, ele foi ratificado em 2017, através do Decreto Legislativo nº 85. O Protocolo Facultativo prevê a possibilidade das crianças e adolescentes ou seus representantes apresentarem queixa ou denúncia formal acerca de abusos ou violações de seus direitos pelo Estado parte, desde que as violações não puderem ser tratadas de maneira efetiva em nível nacional. Para tanto, o Estado deve ter ratificado a Convenção e o Protocolo Facultativo de Comunicação.

7 Para um aprofundamento sobre o tema, consulte: RIZZINI, Irene [et al] (orgs). Perspectivas internacionais sobre decolonialidade e direitos da criança. O Social em Questão. N. 56. Rio de Janeiro: PUC-Rio/DSS, 2023. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_OSQ.php?strSecao=Atual&FASC=62437. Acesso em: 17 jul. 2023.

8 FREIRE, Paulo. Cartas à Cristina. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

9 O Plano Municipal pela Primeira Infância do Rio de Janeiro está disponível no site do CIESPI: <https://www.ciespi.org.br/site/collections/document/1557#>.

10 Essa questão é especialmente abordada neste artigo: TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. Desemparedar infâncias: contracolonialidades para reencontrar a vida. In: O Social em Questão. N. 56. Rio de Janeiro: PUC-Rio/DSS, 2023. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_OSQ.php?strSecao=Atual&FASC=62437. Acesso em: 17 jul. 2023.

11 Sobre arte-educação, indicamos: BARBOSA, Ana Mae. Arte-educação [livro eletrônico]: leituras no subsolo. São Paulo: Cortez, 2018.

12 Grupo de crianças da Ação Social Padre Anchieta-ASP, Chamego Da Vovó, Instituto Metodista De Ensino Suzana Wesley, Creche Escola Espaço Crescer, Escola Recanto Lápis De Cor,

GCCB Nova Jerusalém, Creche Pré-Escola Cantinho Feliz, Creche E Berçário Bem Me Quer, Creche Escola Companhia Florescer, Creche Bercinho-De-Ouro, Abc Jardim Escola, Creche Tia Uêga, Creche Pingo de Gente, União das Mulheres, Casa Jovem (Projetos Educacionais), grupo de jovens do Ponto de Cultura, Rodas de Conversa com moradores locais, Rocinha, RJ; grupo de 3ª idade do Centro Municipal de Atendimento Social Integrado-CEMASI e grupo de educadoras, Mangueira de Botafogo, Botafogo-RJ; Grupo de crianças da Creche Mundo Infantil e grupo de crianças do Reforço Escolar da Igreja Batista, Santa Marta, Botafogo-RJ; grupo de educadoras da ASPA e da creche Alegria das Crianças, Rocinha, RJ; Movimento dos Sem Terra – MST de Mangaratiba, RJ; Grupo de alunos da Escola Municipal Capistrano de Abreu, Horto, RJ; Grupo de alunos do Colégio Inácio Azevedo Amaral, Jardim Botânico-RJ; Rocinha.

13 Os Pontos de Cultura são entidades reconhecidas e apoiadas financeira e institucionalmente pelo Ministério da Cultura para desenvolverem ações socioculturais em suas comunidades. Estas iniciativas já somavam, em abril de 2010, quase 4 mil, em 1.122 cidades brasileiras, atuando em redes sociais e políticas.

14 Mais detalhes podem ser encontrados no link: <https://centroludicodarocinha.wordpress.com/objetos-ludicos/>. Acesso em 12 ago. 2023.

15 O projeto é desenvolvido com apoio do UK Global Challenges Research Fund (GCRF), Reino Unido. Internacionalmente, coordenado por Kay Tisdall, professora da Moray House School of Education and Sport da Universidade de Edimburgo (Escócia). No Brasil, coordenado por Irene Rizzini, professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora do CIESPI/PUC-Rio.

16 O Informe 7, publicado pelo CIESPI/PUC-Rio, em 2022, é dedicado a esta experiência: <https://www.ciespi.org.br/media/files/fcea049a-8ec4d511ecbe6e5141d3afd01c/f4d191be4ae2e11e-dbe6f5141d3afd01c/ppi-informe-7-port-escuta-das-criancas-diagramado-final-03out22-2.pdf>. Acesso em 17 ago. 2023.

17 Crédito dos livros e materiais colecionados para a Caixa Misteriosa: Da minha janela, Otavio Junior. Ilustrações: Vanina Starkoff. Cia das Letrinhas; Malvina, André Neves. Ilustrações do autor. DCL (Difusão Cultural do Livro); Ops, Marilda Castanha. Ilustrações da autora. Jujuba; A quatro mãos, Marilda Castanha. Ilustrações da autora. Cia das Letrinhas; Meu crespo é de rainha, bell hooks. Ilustrações: chris raschka. Boitatá; Amo-

ras, Emicida. Ilustrações: Aldo Fabrini. Cia das Letrinhas; Os tesouros de Monifa, Sonia Rosa. Ilustrações: Rosinha. Brinque-Book; O chamado de Sosu, Meshack Asare. Ilustrações do autor. SM; Espelho, Suzy Lee. Ilustrações da autora. Cia das Letrinhas; É Hora de História, Histórias de vários autores. Ilustrações: Mariana Massarani, Ática; Onda, Suzy Lee. Ilustrações da autora. Cia das Letrinhas; A pequena Marionete, Gabrielle Vincent. Ilustrações da autora. 34 Letras; O Jornal, Patricia Auerbach. Ilustrações da autora. Brinque-Book; Sereiazinha, Andréa Pernambuco Toledo. Ilustrações: Marcela Fernandes de Carvalho. Escrita Fina; Amélia quer um cão, Tim Bowley. Ilustrações: André Neves. Kalandraka; Postal da Elos da Saúde – 2007, Criação: Assessoria de Promoção da Saúde/SMS-Rio. Design: Renata Ratto. Ilustrações: Mariana Massarani; Um pé de vento, Nason Paulo Sales Neves. Ilustrações: André Neves. Projeto; Passeio, Pablo Lugones. Ilustrações: Alexandre Lampazo. Gato leitor.

18 Sobre este tema, recomendamos a leitura do livro de Rui de Oliveira: Pelos jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

19 Mais detalhes desse projeto no artigo: PORTO, Cristina Laclette; RIZZINI, Irene. Olhares das crianças sobre suas cidades: reflexões sobre aportes metodológicos. *Sociedad e Infancias*, v. 1, p. 299-320, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/SOCI.55929>. Acesso em: 10 ago. 2023.

20 Mais informações no Relatório: PORTO, Cristina Laclette; TERRA, Carolina; LACERDA, Nathercia. Primeira Infância e ação comunitária na Rocinha: jovens (re)descobrimo as infâncias, 2022. Disponível em: <https://www.ciespi.org.br/site/collections/document/2805>. Acesso em: 10 ago. 2023.

Sobre as autoras

Cristina Laclette Porto

Doutora em Psicologia; mestre em Educação e graduada em História pela PUC-Rio. Pesquisadora do CIESPI/PUC-Rio, professora do curso de Especialização em Educação Infantil: perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas da PUC-Rio e professora do curso Normal Superior e da pós graduação em Psicopedagogia do Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS).

Nathercia Lacerda

Graduada em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com especialização em Arte-educação pelo Atelier de Artes Plásticas Hélio Rodrigues. Autora do livro "A casa e o mundo lá fora - cartas de Paulo Freire para Nathercinha", grupo editorial ZIT.

Irene Rizzini

Professora do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio e diretora-presidente do CIESPI/PUC-Rio. Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisa do Rio de Janeiro (IUPERJ), mestre em Serviço Social pela School of Social Service Administration, Universidade de Chicago e graduação em Psicologia.



O CIESPI/PUC-Rio

O Centro Internacional de Estudos e Pesquisas sobre a Infância – CIESPI é um centro de estudos e de referência associado à Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), dedicado ao desenvolvimento de pesquisas e projetos sociais voltados a crianças, adolescentes, jovens e seus elos familiares e comunitários.

Temos como meta o subsídio de políticas e práticas sociais para esta população, contribuindo para o seu desenvolvimento integral e para a promoção e defesa dos seus direitos.



DSS Departamento de
Serviço Social



THE UNIVERSITY
of EDINBURGH

